As teorias da dependência no capitalismo contemporâneo

Augusto Wagner Menezes Teixeira Jr.

Graduando em Ciências Sociais/ UFPE.

Palavras-chave: Dependência, subdesenvolvimento, difusão tecnológica, Centro-Periferia.

Key Words: Dependence, underdevelopment, technological diffusion, Core-Periphery.

RESUMO: Várias abordagens analíticas em política internacional afirmam que o sistema internacional contemporâneo é marcado pela interdependência entre os Estados. Porém, relações assimétricas de poder, vários níveis de dependência entre Estados e economias, e uma distribuição desigual do poder e riqueza ainda se mantêm. Este trabalho apresenta as mais relevantes teorias da dependência na América Latina, para em um segundo momento analisar os limites e alcances dessas teorizações face ao contexto internacional contemporâneo. Analisamos o estruturalismo de Celso Furtado, a interpretação sociológica da dependência de Fernando Henrique Cardoso e Faletto e as contribuições da escola marxista radical. Esse artigo se apresenta relevante no sentido de compreender a atualidade do fenômeno da dependência nos tempos hodiernos e as contribuições dos autores que configuram o debate teórico mais importante sobre o fenômeno. Neste trabalho buscaremos enfatizar e demonstrar a importância dessa abordagem teórica ao estudo do desenvolvimento nacional e das dinâmicas da economia capitalista mundial.

ABSTRACT: Several analytical approaches to international politics assume that one main feature of the contemporary international system is the interdependence among states. However, asymmetric relations of power, varied levels of dependence among states and economies, and a unequal distribution of power and wealth still remain. This essay presents the most relevant dependence theories in Latin America, it analyzes the scope of such theories in the contemporary international context. It focus on Celso Furtado`s structuralism, Fernando Henrique Cardoso and Faletto`s sociological interpretation of dependence and the contribution of the Marxist radical school. The essay aims at stressing the permanent worth of this theoretical approach to the study of national development and the dynamics of the capitalist world economy.

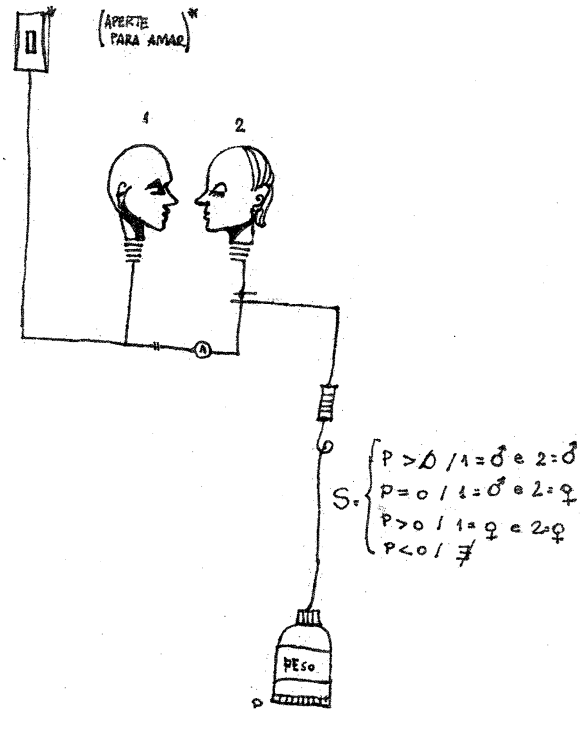
Introdução

Passados quase cinqüenta anos desde as primeiras teorizações sobre a dependência, a relevância da temática não se exauriu no tempo. Autores de distintas correntes teóricas produziram um conjunto de reflexões acerca da realidade latino-americana referentes às variadas dimensões desse fenômeno. Teóricos como Celso Furtado, Fernando H. Cardoso, Enzo Faletto, Gunder Frank e Theotônio dos Santos buscaram compreender a dependência, trazendo com essa reflexão projetos e alternativas para superá-la.

"*Por cierto, siempre existe una necesidad de establecer una relación entre el pasado y el presente; necesidad que es más urgente hoy día en que existe una fuerte presión para asumir el presente como lo único válido* [...]". (FALETTO, 1998b, p.117). Com isso faz-se mister revisitar os clássicos da dependência, pois as suas teorizações e problemas suscitados ainda se fazem sentir na periferia[1] do sistema capitalista.

A teorização de Celso Furtado acerca da dependência ecoa no debate contemporâneo sobre da globalização produtiva e financeira. O modelo de capitalismo associado, como forma de superação do subdesenvolvimento, preconizado por Cardoso e Faletto nos anos setenta, agora dá seus resultados após ter tomado corpo empírico na década de noventa no Brasil. Uma significativa parcela dos obstáculos ao desenvolvimento periférico elucidados por Gunder Frank e Theotônio dos Santos ainda persistem em pleno século XXI, alimentando o debate sobre a possibilidade de desenvolvimento periférico no capitalismo.

Logo, "*¿Qué problemas, de los planteados por los estudios sobre dependencia, siguen hoy vigentes? ¿Cómo reformularlos?*"(*ibidem*). A partir dessas indagações pretenderemos mostrar que a dependência permanece na emergência do século



1 Os conceitos de centro e periferia são usados aqui na tradição do pensamento furtadiano. Quando nos referirmos a periferia, estaremos nos dirigindo à América Latina.

XXI, passando por processos de reconfiguração ao longo das fases de expansão e difusão do capitalismo.

Contudo, devemos observar que o próprio capitalismo passou por transformações substantivas desde as primeiras teorizações sobre a dependência. Esse fenômeno se apresenta no século XXI sob formas complexas, como através da governabilidade tutelada nos países subdesenvolvidos e na assimilação de padrões de consumo e tecnologia produzidos por países centrais (FURTADO, 2000b).

Esses são apenas alguns fenômenos que caracterizam a permanência da dependência no século XXI. Esse fato, per si, reforça a importância e atualidade de revisitar essas teorias. O diálogo entre os clássicos e a contemporaneidade é de expressiva relevância para o conhecimento do alcance e limites das teorias da dependência e de seu vigor explicativo para a contemporaneidade.

A dependência em Celso Furtado

O pensamento furtadiano desenvolve-se sob a égide do paradigma do sistema de relações centro/periferia. Segundo essa reflexão, as relações internacionais são marcadas por uma ruptura estrutural entre os países que compõem o centro e a periferia do sistema internacional (FURTADO, 1992). Ao longo da sucessão histórica se teria conformado em paralelo dois processos estruturadores, o desenvolvimento e o subdesenvolvimento. Segundo Furtado, o desenvolvimento e expansão das nações avançadas contribuiu para a inserção internacional desvantajosa dos países periféricos. Esse contexto revelava que as relações econômicas internacionais têm como atores principais Estados e economias nacionais em níveis extremamente assimétricos de desenvolvimento, incorrendo no agravamento da distância entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

O centro seria composto por países industrializados e desenvolvidos, cumprindo papel ativo na inovação e difusão do progresso tecnológico[2]. Em contraste, a periferia seria composta por nações subdesenvolvidas. Porém, a pauta de exportação dos países periféricos seria relativamente estreita, contando principalmente com commodities e outros produtos de baixo valor agregado[3].

Segundo a teorização furtadiana, as relações assimétricas entre centro e periferia vieram conformar um sistema de dependência/dominação no qual os países periféricos sofrem desvantagens cumulativas (*ibidem*, 1974). Furtado concebe que a dependência na periferia é vinculada ao controle por agentes externos de setores estratégicos das economias periféricas. Logo, a dependência levaria à redução da soberania e da capacidade de autonomia política dos Estados, visto que a adoção de políticas independentes seria dificultada por constrangimentos externos e domésticos.

Nesse sentido, a dependência cultural, fruto da penetração de hábitos de consumo próprios de sociedades avançadas, seria um fenômeno doméstico potencializador da dependência externa. Segundo o autor, "a dependência é a situação particular dos países cujos padrões de consumo foram modelados do exterior" (*ibidem*).

Nesse contexto, o controle externo da penetração tecnológica na periferia, através da ação de corporações transnacionais, revela, para Furtado, um elemento da política de poder que se desenrola no sistema internacional. Em outras palavras, a difusão de padrões tecnológicos comandada pelo exterior se apresenta como instrumento voltado à realização de interesses dos países centrais (*ibidem*, 1992). Para tal efeito, a influência no campo da cultura e tecnologia seriam vetores privilegiados para a dominação via dependência.

Desde a década de setenta, autores relevantes levantam a questão da interdependência como uma das características mais marcantes das relações internacionais no capitalismo. Tanto Joseph Nye (NOGUEIRA & MESSARI, 2005b), quanto Furtado (2003a), observaram que a interdependência era um fenômeno crescente na cena externa. Porém, mesmo no contexto da interdependência apresentam-se relações assimétricas de poder entre as nações, ou seja, a própria interdependência é desigual.

A dependência apresenta-se sob novas formas no capitalismo hodierno. A dimensão cultural da dependência, ressaltada por Furtado, mostra-se uma constante, visto que nos primeiros anos do século XXI a liderança hegemônica dos Estados Unidos se mostra sólida, mesmo com a concorrência de outros países da Tríade, como Alemanha e Japão (2001). A permanência da hegemonia na difusão de tecnologia e de padrões de consumo por parte do centro é observável nos dados abaixo.

EXPORTAÇÃO DE MANUFATURADOS

Participação por região e economia, em %

Região/ economia	1990	2003
Países desenvolvidos	77,9	65,4
Países em desenvolvimento	18,3	29,7
América Latina e Caribe	2,4	4,1
Brasil	**0,8**	**0,8**
Chile	0,2	0,2
México	0,5	2,2
Sudeste e Leste da Ásia	13,6	22,7
Coréia do Sul	2,2	3
China	1,7	6,5
Índia	0,5	0,9
África	2,6	2

Fonte: VALOR ECONÔMICO, (2006b)

2 Na teoria furtadiana o controle e o domínio da técnica apresentam-se como relevante recurso de poder na competição interestatal e interempresarial (FURTADO, 1978).

3 O Brasil se apresenta como uma exceção. Esse país tem uma pauta de exportação diversificada, variando desde bens manufaturados à bens primários e agrícolas. O que nos é de valor nesse caso, é que o papel das commodities nessa economia desempenham papel estratégico em sua inserção internacional.

Logo, essa reflexão mostra que a dependência (enquanto forma de dominação intra-estatal) é um fenômeno atual, reforçando assim a importância do pensamento de Celso Furtado. Um caso representativo é o brasileiro. País com uma economia complexa, dotada de um parque industrial diversificado, revela-se tecnologicamente dependente.

GASTOS EM ATIVIDADES INOVADORAS, PERCENTUAIS DA RECEITA LÍQUIDA, BRASIL

	Percentuais da receita líquida. Ano 2003	Percentuais da receita líquida. Ano 2004
Aquisição Externa de P&D[4]	0,11	0,07
Aquisição de Outros Conhecimentos Externos	0,2	0,08
Introdução de Inovações Tecnológicas no Mercado	0,24	0,15
Atividades Internas de P&D	0,64	0,53
Treinamentos	0,07	0,05

Fonte: VALOR ECONÔMICO, (2006d).

Como agravante desse quadro, o Brasil ainda tem nas commodities produto de exportação estratégico. O problema incide no fato de que essa forma de inserção internacional via comércio tem se mostrado historicamente ineficiente para fins de desenvolvimento e superação da dependência. Dados da UNCTAD (2006c) revelam que embora os preços nominais das commodities estejam em ascensão, devido ao efeito China, a tendência do preço real é de queda.

Nesse contexto em que o processo de globalização e interdependência desigual acarretam na complexificação da cena externa e da dependência, é forçoso revisitar o pensamento de Furtado para compreender, através de uma perspectiva da periferia do sistema, quais as possibilidades ao desenvolvimento no contexto da dependência. Visto que Furtado fornece analises e proposições de políticas e estratégias de desenvolvimento relevantes para a América Latina, em especial o Brasil.

A visão dependentista de Fernando H. Cardoso e Enzo Faletto

Cardoso e Faletto foram pioneiros da teoria da dependência. Ao longo das décadas de sessenta e setenta, quando os projetos desenvolvimentistas mostravam sinais de esgotamento, os autores inovaram ao analisar as causas da permanência do atraso estrutural não apenas por aspectos econômicos ligados ao subdesenvolvimento[5], mas a partir de uma ótica sociológica, voltada à compreensão das relações estruturais que os grupos e classes da América Latina mantinham com o centro. Essa teorização foi crucial para crítica ao conhecimento produzido durante o período desenvolvimentista.

Acreditavam que para compreender os processos de dominação e de dependência no sistema internacional, seria necessário analisar como os grupos e classes sociais que engendravam essa estrutura se vinculavam entre si e a agentes econômicos na esfera econômica internacional, sendo possível "[...] analisá-la a partir da configuração do sistema de relações entre as diferentes classes sociais no âmbito mesmo das nações dependentes" (CARDOSO & FALETTO, 1970, p.31). Por essa razão, entendiam a necessidade de estudar "[...] as conexões entre o sistema econômico e a organização social e política das sociedades subdesenvolvidas" (*ibidem*, p.25).

Um dos pontos centrais dessa teorização está em observar que, de fato, a dependência é um fenômeno que também se desenrola no exterior das sociedades nacionais, através da vinculação das economias periféricas ao mercado internacional. Porém, observam que os agentes que engendram as relações de dependência e dominação estão inseridos nas sociedades nacionais, organizando-se em grupos e classes. Conseqüentemente, para compreender a dependência, deve-se compreender o papel destes grupos enquanto agentes políticos e econômicos e a função/posição que caracterizam seus países no sistema internacional[6].

Cardoso e Faletto distinguem entre sociedades que mantêm a relação Metrópole/Colônia e as que detêm relações do tipo Centro/Periferia. O primeiro tipo de relação se dá como forma de dominação total por parte da metrópole. Nesse contexto, as colônias ou "Quase-Estados" (FIORI, 2004b) carecem de autonomia na condução de sua vida política e econômica.

Na situação de subdesenvolvimento, a dependência se manifesta mais drasticamente quando "[...] as decisões que afetam a produção ou o consumo de uma dada economia, são tomadas em função da dinâmica e dos interesses das economias desenvolvidas" (CARDOSO & FALETTO, 1970, p.26). Em outras palavras, a dependência, para esses autores, se apresenta de forma mais patente quando os principais centros de decisão econômicos e a dinâmica de sua economia são controlados por agentes externos.

Nas relações centro/periferia, dá-se uma relação "[...] entre centros dominantes mais desenvolvidos e os países periféricos em que já existe uma sociedade nacional" (*ibidem*, p.25). Com isso, as alianças e formas de inserção nas relações econômicas internacionais encontram nas elites políticas e econômicas seus principais agentes. Os autores observam uma correlação entre o atraso e as formas de inserção no capitalismo realizadas pelos países periféricos, pois:

> *"[...] entre as economias desenvolvidas e as subdesenvolvidas não existe uma simples diferença de etapa ou de estágio do sistema produtivo, mas também de função ou posição dentro de uma mesma estrutura econômica internacional de produção e distribuição".* (*ibidem*, p.26).

4 Pesquisa e Desenvolvimento.

5 Boa parte das teorias convencionais da época abordaram o problema da ausência do desenvolvimento na periferia através de um enfoque estritamente econômico. A abordagem sociológica e a contribuição à sociologia do desenvolvimento prestada por Cardoso e Faletto são pontos significativos na formulação das teorias da dependência. A perspectiva sociológica e política também foi utilizada por autores como Celso Furtado (2000b) e Gunder Frank (1980), nesse último em menor grau.

6 Essa perspectiva se assemelha a de Celso Furtado (1974).

Com isso ressaltam as relações de poder existentes no sistema internacional que reproduzem o subdesenvolvimento e que aprofundam a dependência. Nesta perspectiva, vê-se que o interesse particular de uma classe ou grupo social é generalizado para toda sociedade, em favor de elites. A sobrevivência desses grupos está intimamente ligada à capacidade de adaptação em relação às mudanças na dinâmica do sistema. Nesta perspectiva,

> *"A dependência encontra assim não só 'expressão' interna, mas também seu verdadeiro caráter como modo determinado de relações estruturais: um tipo especifico de relação entre as classes e grupos que implica uma situação de domínio que mantém estruturalmente a vinculação econômica com exterior".* (*ibidem*, p.31).

O vigor desta teorização está em observar que o fenômeno da dependência é gestado no seio das sociedades nacionais e na interação dos grupos e elites de poder com agentes do capital externo. Com isso, atrela-se, o desenvolvimento, melhor dizendo, o subdesenvolvimento dos países periféricos ao ritmo e vontade dos países centrais. A dependência, nessa perspectiva, é produto de interações intra-elites que resultam em dominação velada através da dependência.

Porém, qual a relevância dessa reflexão para a compreensão da dependência nos tempos atuais? Essa contribuição se faz significativa para contemporaneidade ao ressaltar o aspecto das elites e classes na conformação e reprodução da dependência na periferia. Autores relevantes, como Fiori (2006a), revelam que o capitalismo contemporâneo tende a se expandir através da globalização. O estabelecimento de "redes internacionais de produção" (AKYÜZ, 2005a) ao longo da periferia é um fenômeno que demonstra uma crescente rivalidade entre elites econômicas transnacionais e o poder dos Estados nacionais.

Nesse sentido, a reflexão de Cardoso e Faletto é atual, ao mostrar que, no capitalismo, a competição internacional pelo poder e riqueza, além dos Estados nacionais organizados, competem elites transnacionais com projetos de poder e acumulação de poder próprios; possibilitando a captura do Estado ou de segmentos estratégicos deste para os interesses transnacionais.

Nesse contexto, a atualidade desse pensamento é reforçada pela reflexão de Arrighi, para quem, no sistema internacional, existem duas lógicas de poder (territorialista e capitalista) e duas formas de competição (interestatal e interempresarial) (1996). É nesse contexto da cena internacional que atualmente se desenrolam as relações de dependência.

Contudo, podemos observar algumas limitações na teorização de Cardoso e Faletto. Embora as elites econômicas tendam a internacionalizar os processos de competição por riqueza e poder, rivalizando com os Estados nacionais, estes ainda são atores privilegiados nas rela-

ções internacionais. A história contemporânea mostra que ainda cabem aos Estados nacionais prerrogativas institucionais capazes de bloquear e/ou minimizar o poder das corporações transnacionais.

Políticas seletivas de investimento externo direto (IED), adotadas por governos como o da Coréia do Sul são manifestações de um poder soberano maior do que o das elites transnacionais, reforçando o papel do Estado nacional como único ator provido de legitimidade e recursos de poder capazes de se opor aos interesses das corporações e elites. Embora uma vasta bibliografia nos informe sobre a perda de poder do Estado na condução de políticas econômicas e de desenvolvimento (NOVAES, 2003b), nos Estados desenvolvidos e em desenvolvimento o Estado ainda dispõe de um relevante papel no jogo de poder internacional, tanto na promoção de desenvolvimento, quanto no da superação da dependência (CHANG, 2004a).

A corrente marxista radical da Teoria da Dependência: André Gunder Frank

A escola dependentista radical tem entre seus representantes mais ilustres André Gunder Frank e Theotônio dos Santos. Essa corrente surge na década de sessenta e setenta, dialogando e criticando tanto com o pensamento neoclássico, quanto com as formulações desenvolvidas na Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL).

A premissa básica dos teóricos marxistas é a de que a dependência é um fenômeno intrínseco à dinâmica do capitalismo. Em Frank, a compreensão da dependência se dá sob a égide da análise do processo de acumulação capitalista realizada pelos países centrais (metrópoles). Logo, as relações de dependência são em si uma forma de dominação realizada pelas nações e classes dominantes[7] dos países desenvolvidos , a fim de promover o processo de acumulação através de relações de dominação via dependência e imperialismo (FRANK, 1980).

Frank foi um dos mais importantes pensadores da corrente radical da teoria da dependência. Entre os dependentistas, foi um dos primeiros teóricos a defender a ruptura dos países periféricos com a rede capitalista internacional, através do desligamento da periferia do sistema capitalista. Acreditava que assim seria possível romper com o processo de "desenvolvimento do subdesenvolvimento" (*ibidem*).

Metodologicamente, para o autor, "o subdesenvolvimento deve ser visualizado como um epifenômeno da expansão do capitalismo" (GRIFFTHS, 2004c). Sobre isso diz Frank:

> *"A conclusão de todas essas reflexões teóricas e políticas [...] foi que a participação contínua no sistema mundial capitalista só poderia significar desenvolvimento contínuo do subdesenvolvimento. Quer dizer, não haveria igualdade nem eficiência nem desenvolvimento econômico. As conclusões políticas, portanto, eram se desligar do sistema externo e transportar-se internamente para o socialismo seguro (ou qualquer outra cooperação socialista internacional indefinida), a fim de possibilitar o desenvolvimento econômico independente ou não dependente".* (FRANK *apud* GRIFFTHS, 2004c, p. 188).

Embora o subdesenvolvimento fosse um epifenômeno da expansão do capitalismo, Frank o concebia como um elemento de ordem estrutural, importante para compreender a dependência e pensar a sua superação. Segundo Griffiths, o subdesenvolvimento, para Frank, "consiste de um conjunto de proposições complementares" (*ibidem*, p. 188), sendo elas: (i) "O 'desenvolvimento' de metrópoles nacionais e outras subordinadas é limitado pelo seu status de satélites. (ii) Os satélites experimentam o mais elevado índice de desenvolvimento econômico quando seus elos com a metrópole são mais fracos, e não mais fortes. (iii) As áreas atualmente mais subdesenvolvidas são, em geral, as que tiveram uma ligação mais forte com a metrópole no passado. (iv) As empresas comerciais que tiveram o poder voltaram-se ao crescente mercado mundial mais do que ao doméstico; e se estabeleceram geralmente nos países satélites, para se beneficiarem do acesso às matérias-primas e aos baixos custos de mão-de-obra/produção" (*ibidem*).

Analisemos essas proposições. De fato, autores de tendências díspares, como Furtado, Cardoso e Faletto, concebem que a conformação do sistema de relações econômicas internacionais no capitalismo é caracterizada pela divisão entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos[8] , adicionando-se a isso a dependência concebida como forte elemento da reprodução do subdesenvolvimento. Contudo, o fato de o "desenvolvimento de metrópoles nacionais e outras subordinadas" ser limitado pelo status de satélite, em alguns casos não impediu que houvesse desenvolvimento econômico em certos países periféricos.

Vejamos mais uma vez o caso da Coréia do Sul. Esse país, após a década de cinqüenta, passou a fazer parte da "zona de influência" (FURTADO, 2003a) norte-americana, recebendo desse Estado incentivos ao crescimento e desenvolvimento (COUTINHO, 2000a). Não estou afirmando que a dependência nesse caso levou a Coréia do Sul ao desenvolvimento, mas que a decisão de como lidar com a dependência foi política. O fator fundamental da dependência, como aparece em Furtado, não tem como determinante apenas a forma inicial e funcional que uma economia realiza no sistema internacional, mas sim a sua forma e estratégia de inserção internacional ao longo do tempo. Essa dimensão analítica abre possibilidades de se

7 Teóricos marxistas também concebiam a dimensão doméstica da dependência. Ver a noção de "colonialismo interno" em: MARINI, Mauro. (2000), Dialética da Dependência. Petrópolis, Vozes.

8 Inclusive, reconhecem a relevância da categoria classes para a compreensão da dependência.

pensar uma mudança na trajetória política de uma nação através da ação política do Estado.

O caso sul-coreano mostra que embora o país tenha estado sob forte influência e dependência norte-americana, seu governo soube aproveitar a estrutura de oportunidades e realizar uma política de desenvolvimento que ultrapassou bastante os limites pretendidos pelos Estados Unidos ao desenvolvimento sul-coreano (*ibidem*). Logo, a crítica que se desenha aqui a Frank é de que não existe uma relação mecânica entre "status de satélite" e subdesenvolvimento (ou maior grau deste)[9] . Podemos afirmar que países de desenvolvimento retardatário, como a Alemanha, o Japão e a Coréia do Sul, ao longo da segunda metade do século XX, encontravam-se extremamente ligados à "metrópole", configurando-se uma patente relação de dependência entre essas nações e os Estados Unidos (CHANG, 2004a). O que distinguiu essa relação de dependência da que se verificava com os países latino-americanos foi a forma como as elites nacionais e o Estado nacional (dependentes) pensaram a inserção internacional de seus países e como lidaram com a dependência, no sentido de levar o jogo de poder a condições mais vantajosas[10] .

Furtado revelou que a maior parte do comércio mundial é realizado entre os países desenvolvidos (FURTADO, 1992), sendo o maior volume de comércio realizado entre países da OCDE (*ibidem*). Esse fato evidenciaria que a ligação entre "satélite" e "metrópole", como entende Frank, se tornou mais fraca, tornando possível o desenvolvimento periférico. Porém não é isso que Furtado vai mostrar em suas teorizações da década de oitenta e noventa. Esse autor afirma que a dependência reproduz-se na contemporaneidade sob a égide da globalização financeira e produtiva, que dá origem a novos mecanismos de controle externo e de dependência. Contudo, a dependência comercial ainda é variável de grande relevância, embora os preços das commodities no período atual estejam em alta[11] .

Outra crítica relevante à concepção de Frank, proposta por Furtado, ressalta que o subdesenvolvimento não é um epifenômeno gerado pelas relações de dependência em nível internacional (*ibidem*, 1974). Apresenta-se o argumento de que o subdesenvolvimento é um processo que se desenrola paralelamente ao desenvolvimento no centro, havendo uma lógica de funcionamento própria no subdesenvolvimento, realçada e reforçada pelas relações de dependência (*ibidem*).

Furtado e Frank concordam quanto ao fato de que a dependência é um fenômeno mais geral que o subdesenvolvimento, visto que não existe subdesenvolvimento sem dependência. Furtado ressalta que os países desenvolvidos podem manter relações de dependência entre si (*ibidem*).

Contudo, a teoria da dependência marxista continua importante na atualidade, tanto como contribuição à compreensão das relações de poder no capitalismo contemporâneo, quanto por dar origem a novas correntes teóricas. Como comenta Theotônio dos Santos, a teoria da dependência, inicialmente se inseria nas teorias do desenvolvimento,

> *"Contudo, a Teoria das Relações Internacionais e a chamada Economia Política, entre outras disciplinas, reconhecem na teoria da dependência uma das alternativas de enfoque da economia política e das relações internacionais e um dos conceitos-chave dessas disciplinas".* (DOS SANTOS, 1998a, p. 137).

A vitalidade do fenômeno da dependência é demonstrada pela "teoria do sistema mundial que representa um dos mais belos frutos da teoria da dependência", enquanto problema teórico relevante e atual. Segundo Dos Santos (*ibidem*) o pensamento de Immanuel Wallerstein e de Giovanni Arrighi, fortemente influenciados pela escola marxista radical, apresentam contribuições de expressiva relevância à compreensão das possibilidades de desenvolvimento da periferia. Esses autores, ao refletirem acerca do capitalismo como sistema, referem-se diretamente a Frank em sua perspectiva sistêmica do capitalismo, concebido como fenômeno global.

Considerações Finais

Um dos objetivos deste ensaio foi o de mostrar diversas escolas teóricas que abordaram a dependência, visando a sintetizar aspectos de grande valia para o estudo da dependência no capitalismo contemporâneo, fenômeno que permanece atual e presente nos países periféricos. Essa relação de dominação velada abre um conjunto de possibilidades de utilização de *soft power*[12] contra os interesses dos países dependentes, como por exemplo, a governabilidade tutelada por instituições internacionais multilaterais como o FMI e o Banco Mundial (FURTADO, 1992).

O pensamento de Celso Furtado demonstra ser um arsenal teórico de grande relevância para o estudo das relações assimétricas de poder no sistema internacional, visto que atualmente as assimetrias estruturais no sistema internacional se agravaram e a distância entre centro e periferia vem aumentando.

A reflexão de Cardoso e Faletto se revela uma perspectiva analítica relevante na contemporaneidade. A formação do que Akyüz (2005a) chamou de "redes internacionais de produção" demonstra a convergência de interesses de importantes grupos internacionais e nacionais, influenciando as condições e o grau de dependência nos países não industrializados e dependentes.

No contexto atual, em que os Estados nacionais periféricos perdem capacidade de planejar

9 Em muitos casos na América Latina e em alguns países da Ásia podemos encontrar uma relação entre "status de satélite" e subdesenvolvimento. Porém essa relação está ligada a um tempo histórico específico,que Frank denomina de "Colonialismo", não constituindo uma lei geral.

10 Para uma interpretação diferente, ver Frank (1980). Existe uma diferença entre dependência gestada em sociedades com Estados nacionais consolidados e sem Estado (CARDOSO & FALETTO, 1970). Um argumento forte contra a argumentação defendida aqui é de que países como o Japão nunca foram colônias nem foram objeto de tal intento, devido a suas condições naturais desfavoráveis. Com isso as formas de dependência gestadas nas relações deste com os países desenvolvidos seriam substancialmente diferentes das ocorridas na América Latina (*ibidem*). Porém, o caso sul-coreano nos revela a inconsistência da tese de Frank.

11 Porém, existe uma tendência estrutural de queda dos preços reais das *commodities*. Ver: UNCTAD (2006c).

12 Segundo Pecequilo (2004d), os fatores que caracterizam o soft power são: tecnologia, economia e ideologia. Essas dimensões do poder, em vez de se referir ao poder duro, como a capacidade militar e o domínio de territórios, refere-se à capacidade de influência, coerção e indução através de mecanismos fora da alçada da agressão direta.

e executar políticas heterodoxas torna-se mais problemática a possibilidade de superação da dependência. A expansão global do sistema financeiro promoveu o surgimento de novas formas de dependência financeira e econômica. A economia passa a ser, da década de oitenta aos dias atuais, um campo privilegiado do exercício do poder e de ingerência externa na periferia. Nesse sentido, o pensamento de Frank e de Dos Santos se faz relevante, pois ambos questionam as possibilidades de superar a dependência, dentro do capitalismo, para grande parcela dos países subdesenvolvidos.

O aspecto normativo da reflexão aqui empreendida vai reafirmar a necessidade do papel do Estado para a promoção do desenvolvimento, tanto como ator privilegiado na política internacional, quanto pelas prerrogativas institucionais de que goza no ordenamento político-social das nações. Outra questão que emerge é a reflexão acerca do modelo de desenvolvimento adotado nos países periféricos e como realizar uma inserção internacional soberana. É neste sentido que as teorias da dependência mostram sua constante vitalidade para a reflexão hodierna sobre a relação entre economia e política.

Submetido em 20/03/2007
Aprovado em 07/05/2007

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKYÜZ, Yilmaz. (2005a), "Impasses do desenvolvimento", Tradução de Marta Helena Cintra, *Novos estudos* – CEBRAP, São Paulo, 72: 41-56.

ARRIGUI, Giovanni. (1996), *O Longo Século XX*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro/São Paulo, Contraponto/Unesp.

CARDOSO, F. H. & FALETTO, E. (1970), *Dependência e Desenvolvimento na América Latina, ensaio de interpretação sociológica*. Rio de janeiro, Zahar.

CHANG, Ha-Joon. (2004a), *Chutando a Escada*. Tradução de Luís António Oliveira de Araújo. São Paulo, Unesp.

COUTINHO, Luciano. (2000a), "Coréia do Sul e Brasil, paralelos, sucessos e desastres", in J.L. Fiori (org.), *Estados e Moedas no Desenvolvimento das Nações*, 3ª ed, Petrópolis, Vozes.

DOS SANTOS, Theotônio. (1998a), "Por uma bibliografia sobre a teoria da dependência", *Estudos Avançados*, 12, 33: 137-146.

FALETTO, Enzo. (1998b), "Los años 60 y el tema de la dependencia", *Estudos Avançados*. 12, 33: 109-117.

FIORI, José Luís. (2006a), *Sistema Mundial e América Latina, Mudanças e Perspectivas*. <http://www.asc-hsa.org/IMG/ARTIGO_ITAMARATY_1_.doc>. Acessado em 22 de Fevereiro de 2007.

_____. (2004b), "Formação, Expansão e Limites do Poder Global", in J.L. Fiori (org.), *O Poder Americano*, Petrópolis, Vozes.

FRANK, A. G. (1980), *Acumulação Dependente e Subdesenvolvimento, repensando a teoria da dependência*. Tradução de Cláudio Alves Marcondes. São Paulo, Brasiliense.

FURTADO, Celso. (2003a), *Raízes do Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

_____. (2001), *O Capitalismo Global*. 5ª ed, São Paulo, Paz e Terra.

_____. (2000b), *Introdução ao Desenvolvimento, enfoque histórico estrutural*. 3ª ed, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

_____. (1992), *Brasil, a construção interrompida*. 3ª ed, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

_____. (1979), *Teoria e Política do Desenvolvimento*. 7ª ed, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

_____. (1978), *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

_____. (1974), *O Mito do Desenvolvimento Econômico*. 2ª ed, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

GRIFFITHS, Martin. (2004c), *50 Grandes Estrategistas das Relações Internacionais*. Tradução de Vânia de Castro. São Paulo, Contexto.

MOREIRA, Assis. (2006d), "Unctad recomenda subsídios para emergentes", Valor Econômico, São Paulo, 01 Set. Brasil, Primeiro Caderno. <http://www.valoronline.com.br/valoreconomico/285/primeirocaderno/brasil/Unctad+recomenda+subsidios+para+emergentes,Unctad,,63,3879365.html>. Acessado em 10 de Setembro de 2006.

NOGUEIRA, J. P. & MESSARI, N. (2005b), Teoria das Relações Internacionais. Campus.

NOVAES, Adauto. (2003b), A Crise do Estado-Nação. Rio de janeiro, Civilização Brasileira.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. (2004d), *Introdução As Relações Internacionais, temas, atores e visões*. Petrópolis, Vozes.

UNCTAD. (2006c), *Trade and Development Report 2006, global partnership and national policies for development*. New York and Geneva, United Nations.

VALOR ECONÔMICO. (2006d), São Paulo, 11 dez. Valor Esp.

Augusto Wagner Menezes Teixeira Jr., é gradunado do 7º período do Curso de Ciências Sociais (Bacharelado) da Universidade Federal de Pernambuco. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e do Desenvolvimento (D&R/UFPE/CNPq) e do Núcleo de Estudos sobre Política Internacional (NEPI/UFPE/CNPq). Orientando do Professor Marcos Costa Lima (UFPE). Matrícula nº 110420322. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET). Pesquisa Teorias do Desenvolvimento, em particular o pensamento político de Celso Furtado na perspectiva da Política Internacional.

augustomenezes85@yahoo.com.br